

DF. Brasília

CIDADES

URBANIZAÇÃO

Eles superaram as limitações de morar em um lugar onde a miséria e a falta de infra-estrutura reinam. E viram na arte e no trabalho a oportunidade de construir uma comunidade mais cidadã para o Varjão

A vida cravada em um vale

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

Uma ponte separa o luxo da miséria. E a separação vai muito além da distância geográfica. Entre o Lago Norte e o Varjão existe um mundo intransponível. Vidas completamente diferentes. Duas realidades frontalmente opostas. Apenas uma ponte separa dois lugares tão próximos e tão absurdamente distantes. E depois que se ultrapassa o único lugar comum entre os dois pontos, chega-se a um mundo que está longe do belo, do politicamente correto, do razoável, do aceitável. Um mundo a anos-luz dos cartões-postais da capital planejada.

E é nesse mundo, encravado num vale e onde moram aproximadamente 10 mil pessoas, que a vida assume seu papel mais dramático. Talvez mais realista. Talvez mais original. No Varjão, nada tem cor. Com exceção dos morros (sim, na capital federal existem morros) ao redor, tudo é feio. É nesse mundo sem cor que uma porção de gente tenta pintar uma vida diferente. E tem conseguido.

De tanta insistência, do quase nada se fez quase tudo. O tudo possível diante daquela realidade. De um povo espalhado, nasceram entidades organizadas.

“

QUANDO EU ANDO COM MINHAS AMIGAS PELO LAGO NORTE, ÀS VEZES ALGUMAS MENINAS QUE MORAM LÁ NOS CHAMAM DE FAVELADAS. DIZEM QUE AQUI SÓ TEM LADRÃO E MARGINAL. FALAM QUE A GENTE SUJA O LUGAR DELAS ”

”

Kamila Pereira Souza, de 15 anos, estudante do Varjão

Associações. Trabalhos comunitários. Dentro de um vale, depois da ponte, surgiram verdadeiros artistas. Todos anônimos, assim como suas vidas. Uma gente que pinta, borda, dança, representa, faz fuxico, bonecas de pano.

Uma gente que acredita na vida e luta diariamente contra o preconceito. Como a estudante Kamila Pereira Souza, de 15 anos, 8ª série. “Quando eu ando com minhas amigas pelo Lago Norte, às vezes algumas meninas que moram lá nos chamam de faveladas. Dizem que aqui só tem ladrão e marginal. Falam que a gente suja o lugar delas”, conta.

Kamila volta para casa, do ou-

tro lado do mundo tão perto e tão distante, e vai ensaiar no grupo de dança do qual participa há quatro anos. “Às vezes, dá vontade de chorar quando ouço uma coisa dessa. Mas não adianta rebater com palavras. A gente tem que ser superior”, ensina a menina que mora no Varjão.

O Correio conta hoje as histórias dessa gente que mora do outro lado da ponte. E a fabulosa lição de vida que cada uma construiu. Mais que lição de vida, é a extraordinária forma de sobreviver num lugar, até hoje, condenado à miséria, à segregação, à indiferença e ao abismo. Como num vale.